

REILUMINANDO A ARTE LITERÁRIA DE TERCÍLIA NUNES LOBO: UM ESTUDO DE SUA CONTRIBUIÇÃO NO *ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO*

RE-ILLUMINATING THE LITERARY ART BY TERCÍLIA NUNES LOBO: A STUDY OF YOUR CONTRIBUTION IN THE LUSO-BRAZILIAN MEMORIES ALMANAC

Guilherme Barp
Cecil Jeanine Albert Zinani
UCS

Resumo: O presente trabalho propõe a ampliação da fortuna crítica de Tercília Nunes Lobo, seguindo uma abordagem da crítica literária feminista, com auxílio de aportes teóricos da teoria literária. Ao resgatar e estudar sua produção lírica, focalizando nos poemas publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, objetiva-se contribuir para a reescritura de uma história literária que incorpore a contribuição do sujeito feminino às Letras sulinas. Também, discutir-se-á, brevemente, sobre a influência do Romantismo e do Parnasianismo na literatura sul-rio-grandense do fim do século XIX. Ao analisar sua poesia, evidenciou-se que a autora é influenciada por aspectos românticos, além de apresentar nuances que podem ser consideradas de cunho parnasiano. Além disso, constatou-se que, mesmo colaborando nos meios literários sul-rio-grandense e português do século XIX, o nome da autora é quase desconhecido na história da literatura.

Palavras-chave: Poesia Sul-Rio-Grandense; Crítica Literária Feminista; Tercília Nunes Lobo

Abstract: *This paper aims to extend the critical considerations made to Tercília Nunes Lobo and her art, following a feminist literary criticism perspective, assisted by literary theory approaches. Through the rescue and study of her literary production, focusing on the poetry published in the Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, the main goal of this paper is to contribute to the rewriting of the history of literature, incorporating the contributions of women writers to the Rio Grande do Sul literary scenario. Furthermore, it will be made a brief approach over the impact that Romanticism and Parnassianism made in the literature of Rio Grande do Sul. Through the analysis of Tercília Nunes Lobo's poetry, it was evidenced that she is influenced by Romantic and Parnassian aspects. Besides, although the author took part in the Luso-Brazilian literary scene, her name is almost unknown in the history of literature.*

Key words: *Poetry of Rio Grande do Sul; Feminist Literary Criticism; Tercília Nunes Lobo*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A crítica literária, no século XIX, representou um grande obstáculo aos escritos de autoria feminina, que tentavam receber o devido reconhecimento. Já não bastava a condição inferior da mulher oitocentista — em relação à sua educação, ao acesso à vida pública e à liberdade de expressão —, a escritora teria que lidar com a exclusão e o descaso da crítica, ao julgar sua arte. Segundo M. A. R. Habib (2005, p. 667),

durante grande parte da História, as mulheres não foram apenas privadas de educação e independência financeira, mas, também, tiveram que lutar contra a ideologia masculina, que as condenava ao silêncio e à obediência. Também, tiveram que combater um meio literário androcêntrico, que menosprezava sua produção literária.¹ (tradução nossa).

Devido a essa forma fechada e exclusiva de analisar a literatura produzida por mulheres, seus nomes, nesse período, acabaram à margem da história literária, que se fez, quase inteiramente, de modo androcêntrico. Nesse sentido, os Estudos de Gênero e, conseqüentemente, a crítica feminista, buscam recuperar a produção de autoria feminina, que, por muito tempo, permaneceu obscurecida, em meio aos diversos tomos que abordam e exaltam apenas nomes masculinos. Assim, essa abordagem da crítica literária busca reescrever a história da literatura tradicional, possibilitando que as escritoras recebam o devido reconhecimento. Conforme Habib (2005, p. 667), “desde o início do século XX, a crítica feminista tem tido uma série de objetivos: reescrever a história da literatura, a fim de incorporar a contribuição feminina; traçar uma tradição literária feminina; [...]”² (tradução nossa).

O estudo em questão busca resgatar parte da poesia da autora sul-rio-grandense Tercília Nunes Lobo, cujo nome raramente aparece nas Letras do Estado. Portanto, procurando ampliar sua fortuna crítica, serão retomados alguns de seus poemas publicados em periódicos, dando prioridade ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, focalizando questões de estilo, temas abordados; além de comparar sua poesia com a de outros escritores com tendências similares.

A INFLUÊNCIA DAS ESTÉTICAS ROMÂNTICA E PARNASIANA NA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE

O Romantismo configura-se como um dos mais relevantes períodos culturais do Ocidente. Não se trata de um movimento apenas artístico, mas de uma nova maneira de encarar o mundo, relativa a diversos âmbitos da vida pública e privada, na esfera política, religiosa, social e estética (D’ONOFRIO, 1997). Até a metade do século do século XVIII, as artes ocidentais eram influenciadas por tendências vindas dos movimentos culturais Classicismo e Neoclassicismo, que prestigiavam a

¹ For most of this long history women were not only deprived of education and financial independence, they also had to struggle against a male ideology condemning them to virtual silence and obedience, as well as a male literary establishment that poured scorn on their literary endeavors.

² Since the early twentieth century feminist criticism has grown to encompass a vast series of concerns: a rewriting of literary history so as to include the contributions of women; the tracing of a female literary tradition; [...].

cultura vinda dos povos clássicos, gregos e romanos, além de aspectos oferecidos pelo Renascimento. Na literatura, isso não era diferente. D’Onofrio (1997) aponta, como características desse período literário, o objetivismo, a razão, o otimismo, a nobreza, a cultura. Com o início do período romântico, ocorre uma revolução nas concepções vigentes na Europa até então. D’Onofrio (1997) assinala, como características manifestadas nessa literatura, o subjetivismo, a liberdade de expressão, o sentimento, o historicismo, o pessimismo, o fantástico, a natureza. Dessa forma, observa-se que a configuração dos períodos clássico/neoclássico e romântico são completamente contrastantes.

No Rio Grande do Sul, o Romantismo teve grande força, apesar de ter atingido seu apogeu com atraso em comparação ao centro do Brasil, e, igualmente, ter chegado ao esgotamento, devido ao aparecimento de diversas escolas, nos fins do século XIX (CESAR, 1971). Porém, vale ressaltar que, mesmo no *fin de siècle*, alguns autores ainda eram simpatizantes da estética romântica: César (1971) apresenta-os como românticos “retardados”.

Delfina Benigna da Cunha, mencionada, muitas vezes, como a primeira figura da literatura escrita do Estado, publicou a obra *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*, em 1834, e já cultivava nuances românticas em seus versos, que se misturavam com aspectos árcades. Segundo Cesar (1971, p. 96): “A sua poesia apresenta-se impregnada de melancolia e tristeza. A musa da desgraça é que a inspira. [...] a temática é já a dos românticos, preparada porém com ingredientes próprios do arcadismo.” Nesse sentido, constata-se um pré-Romantismo presente na literatura antes mesmo da segunda metade do século XIX, período no qual essa escola foi largamente difundida.

Em meados da década de 1850, surge a revista literária *O Guaíba*, que, segundo Hilton Roberto Costa de Lima (2001, p. 76), foi “o primeiro jornal exclusivamente literário, lançado em Porto Alegre a 3 de agosto de 1856, perdurando, com interrupções, até 26 de dezembro de 1858.” Posteriormente, “com o desaparecimento da revista *O Guaíba*, um periódico voltado à divulgação literária apareceu em 1867, na cidade do Rio Grande, a *Arcádia*, [...] que perdurou até 1870.” (LIMA, 2001, p. 76). Cesar (1971, p. 167) afirma que, nas páginas d’*O Guaíba* e da *Arcádia*, os escritores sul-rio-grandenses “havam já afeiçoado o espírito e o gosto aos cânones do romantismo, e mesmo divulgado algumas de suas peças mais expressivas.”

A tendência romântica gaúcha foi amplamente disseminada pelos participantes da Sociedade Partenon Literário. Essa associação teve um papel importante na propagação das práticas literárias no Estado, nesse período, pois possuía um periódico, intitulado *Revista do Partenon Literário*, constituído, frequentemente, por 32 páginas, cuja publicação se deu durante dez anos, de 1869 a 1879, apesar de algumas interrupções (VILLAS-BÓAS, 1976). Ela abordava poesia, contos, teatro, críticas, biografias, discursos, entre outros tipos de escritos (HESSEL et. al, 1976). Os contribuidores da *Revista* “adotaram a estética romântica, implantando os valores dessa escola no meio sulino” (ZILBERMAN, 1992, p. 18).

Cesar (1971, p. 153) aponta que a poesia do Estado, adepta a essa estética, constituía-se de

sentimentalismo à Chateaubriand, sobretudo no que concerne à natureza e aos falecimentos do espírito combativo, dando lugar à contemplação, à melancolia, ao abandono e à tristeza, libertaram a literatura local, nessa fase, de compromissos com

os aspectos mais genuinamente gaúchos. Os poetas que surgiram por aqui eram todos eles individualistas fechados, sensíveis ao extremo, dando vazão às lágrimas e ao desencanto sem nenhum respeito humano, e, ademais, indiferentes às condições de raça ou de nacionalidade.

Assim, as temáticas românticas na literatura sulina, para Zilberman (1992, p. 14), dividem-se, principalmente, em duas: “a linhagem romântica explorando os assuntos relacionados à infância, a morte e amor desengano; e [...] a apropriação dos motivos regionais.” Nesse sentido, conforme Maria Nadir de Freitas (1976, p. 37), observa-se “um Romantismo liberal, em que o amor à liberdade e às tradições ganharam novas formas.”

Enquanto na prosa, as escolas realista e naturalista eram concebidas para contrapor a romântica, os versos rompem com essa estética por meio de outro movimento, que pode ser considerado uma linha poética do Realismo: o Parnasianismo. A partir da década de 1860, na França, os parnasianos, “renegando o tom confessional da poesia romântica, aspiravam à impessoalidade depurada de qualquer subjetivismo” (CADEMARTORI, 1997, p. 49).

É possível apontar, como características da poesia desse período, segundo Cademartori (1997): o rigor formal, a impessoalidade, a contenção lírica, a presença da cultura clássica, a arte pela arte. Essa última, refere-se ao conceito de que o único objetivo da arte é expressar o belo.

Silva (1924), ao falar da história literária sul-rio-grandense, aponta que, em terras brasileiras, o Parnasianismo não foi tão expressivo, como ocorreu na França. Apesar de o autor apresentar alguns nomes da literatura parnasiana do Rio Grande do Sul, como os de Victor Silva, Barbosa Neto e Leal de Souza, para ele,

[...] dos poetas nacionaes que, um pouco arbitrariamente, se dizem parnasianos, nenhum o é de todo, por indole e por educação. Leiam-se-lhe as obras. Para cada trezentas paginas de amoroso lyrismo auto-biographico, ou de philosophia lyrica, ha, quando muito, dez, ou vinte, de parnasianismo propriamente dito. Como se vê, a percentagem é insignificante... São — ou foram? — discipulos de Heredia por mero diletantismo. (SILVA, 1924, p. 187).

Há a possibilidade de que o movimento parnasiano não tenha tido tanta repercussão em terras sulinas devido ao Romantismo e à literatura de cunho regionalista que continuavam exercendo grande influência na estética literária do Estado. Conforme Terezinha de Jesus Vargas dos Santos (2001, p. 128), “aos poucos, porém, a literatura foi se deixando tingir pelas cores do Realismo, mas as mudanças do movimento não determinaram o abandono dos temas regionalistas.” Dessa maneira, mesmo que o Parnasianismo tivesse adesão dos autores sul-rio-grandenses, ele seria adaptado a diversos aspectos, a fim de se enquadrar nas tendências do Estado, e, mesmo assim, não se estenderia por um período muito expressivo. De acordo com Cesar (1971, p. 272),

[...] numa poesia tão encharcada de valores peculiares à vida gaúcha, ao modo de vida do homem da campanha, o universalismo temático não seria assimilado com o mesmo gosto [...]. Aqui o realismo tomaria desde logo um acento localista, um tom com o que jamais deixou o gaúcho de infundir aos labores artísticos. Talvez por isso, dentro da chamada impassibilidade da escola, a concessão que os nossos fizeram ao temário

do realismo durou pouco tempo. O neo-romantismo, melhor dito, a visualização da campanha segundo o figurino romântico voltaria a dominar o quadro.

É complicado tentar separar as estéticas romântica, regionalista e parnasiana, presentes na arte dos escritores sulinos. No *fin de siècle*, no Brasil, e, conseqüentemente, no Rio Grande do Sul, havia uma literatura influenciada por diversas escolas, que estavam presentes, simultaneamente, na cultura literária.

Finalmente, pode-se verificar como as estéticas romântica e parnasiana influenciaram a literatura sul-rio-grandense: enquanto o Romantismo foi largamente difundido no Estado, tendo se misturado com temáticas regionalistas, o Parnasianismo teve pouca repercussão, sendo adaptado às tendências já vigentes.

TERCÍLIA NUNES LOBO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO *ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO*

Pouco conhecimento se tem sobre a vida de Tercília Nunes Lobo³. Sabe-se que ela é natural de Rio Grande, município do Rio Grande do Sul, e que suas vivências se deram nesse local, conforme afirma Décio Vignoli das Neves (1989, p. 180), “aqui [em Rio Grande] criou-se, educou-se, constituiu o seu lar e cultivou — estudando — o seu privilegiado intelecto...”. Nasceu em 11 de janeiro de 1852 e faleceu em 8 de setembro de 1917 (NEVES, 1989). A primeira publicação encontrada sob sua autoria consta o ano de 1883, e a última, 1896.

As únicas menções encontradas aparecem nas obras *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros* (1958), de Alzira Freitas Tacques; *Vultos do Rio Grande* (1989), de Décio Vignoli das Neves; e *Escritoras brasileiras do século dezanove* (2004), organizado por Zahidé Lupinacci Muzart.

Tacques (1958) informa que Lobo trabalhava como professora particular em Rio Grande, onde era radicada, além de reconhecer sua extensa contribuição à imprensa sul-rio-grandense da época: “não sei de nenhum livro publicado, de sua autoria, mas tem espalhado ela, a mancheias, as jóias de seu estro, pelas colunas dos jornais do Estado e do Interior.” (TACQUES, 1958, p. 2603). Neves (1989, p. 181) também aclama a arte da escritora, dizendo que “como inspirada poetisa, foi autora de uma enormidade de poesias — notadamente sonetos — que se fossem editados dariam alentadíssimo volume”. Portanto, verifica-se que mesmo que a poetisa tenha publicado apenas em periódicos, veículos de mais fácil acesso aos escritores da época e menos relevância, em comparação ao prestigioso livro impresso, sua arte ainda é aclamada pelos escritores de antologias.

Em *Escritoras brasileiras do século dezanove* (2004), seu nome não consta na antologia como o de outras escritoras estudadas na obra, mas sim no capítulo sobre Ibrantina Cardona, também escrito pela organizadora. Muzart (2004) transcreveu uma carta enviada por Cardona a Presciliana Duarte de Almeida, editora de *A Mensageira* (1897-1900), publicada nessa mesma revista, no ano de 1897. Na epístola, aborda-se a questão da escrita feminina no Brasil, nos fins do século XIX. Cardona enaltece Revocata de Mello, mencionando-a como a principal mulher da literatura sul-rio-grandense desse

³ Às vezes, está referida simplesmente como Tercília Nunes, seu nome de solteira.

período, a qual se refere como astro de primeira grandeza, e, em seguida, menciona seus “satélites”: Tercília Nunes Lobo, Julieta de Mello Monteiro, Andradina de Oliveira, Luiza Cavalcanti Guimarães, Cândida Fortes, Júlia Cavalcanti, entre outras.

Tais circunstâncias — sobre as fontes escassas acerca da vida de Lobo, além da necessidade de, frequentemente, recorrer a fontes primárias para obter informações de suas vivências —, revelam a realidade da maioria das escritoras do Estado, ao se falar da história da literatura: o apagamento. Devido a esse fator, constata-se a necessidade de ampliar a fortuna crítica da poetisa.

No estudo realizado por Francisco das Neves Alves (2016), são investigados alguns jornais de cunho lusitano, publicados na colônia portuguesa de Rio Grande/RS, entre eles o *Eco Lusitano*⁴, cuja longevidade se deu entre 1882 e 1887 (ALVES, 2006). Na edição publicada em 1º de dezembro de 1883, comemorou-se o 243º aniversário da Restauração da Independência de Portugal, ocorrida em 1640. Essa data representou o rompimento da influência espanhola sobre o governo português, que lutou pelo restabelecimento de sua autonomia, revolucionando o cenário político-cultural do país. Segundo Joaquim Veríssimo Serrão (1982, p. 11-12),

[...] a Restauração foi ainda uma tomada de consciência que se transformou em acção nacional, no espírito vivo e na acção prática que levou os portugueses coevos de D. João IV e D. Afonso VI a não aceitarem motivações estranhas à sua história. Foi um imperativo que gerou um novo pensamento, bem expresso na cultura do tempo por nomes e obras de marca imorredoura. Bastaria referir as figuras de D. Francisco Manuel de Melo, do Padre António Vieira e do doutor Duarte Ribeiro de Macedo, para se captar o valor cultural dessa época, animada pelo espírito de libertação que os Portugueses sentiram na carne e no sangue. [...] Na vida política e no exercício das armas, na defesa da Dinastia Nova perante as cortes europeias, na unidade que se fortaleceu entre a Metrópole e o Ultramar e no pensamento que se exprimiu em formas culturais e artísticas, a Restauração traduziu uma nova consciência de ser português.

Nessa publicação, encontram-se dois poemas de autoria de Lobo, cujo nome consta apenas como Tercília Nunes: “1º de Dezembro de 1640” e “1640”. Neves (1989) assevera que a poetisa era uma colaboradora assídua desse periódico. Utilizando rigor formal, “1º de Dezembro de 1640” manifesta intenso patriotismo a Portugal, apresentando a data como imortal, enaltecendo-a gloriosamente. Em estrofes compostas por versos decassílabos, “1640” também exprime a glória da emancipação das terras lusitanas. É interessante ressaltar que os dois poemas apresentam as atitudes do povo castelhano de maneira negativa. No primeiro, o eu lírico diz que Portugal passou do despotismo à “negra hediondez” — referindo-se ao governo espanhol —, para, posteriormente, tornar-se uma nação valente. Já no segundo, o poema é iniciado comemorando a data em que o país luso se libertou dos “grilhões do cativo”, confrontando os castelhanos.

No ensaio feito por Miriam Steffen Vieira (1997), são levantados dados referentes às contribuições femininas no *Corimbo*⁵ (1883-1944), periódico rio-grandino, dirigido por Revocata Heloísa de Mello e Julieta de Mello Monteiro, que conquistou extensa duração no cenário jornalístico sul-

⁴ Às vezes, é mencionado como *Echo Lusitano*.

⁵ Também pode estar referido como *Corymbo*.

-rio-grandense. A autora apresenta-os em um quadro, o qual contém todas as escritoras que contribuíram com seus textos no veículo, no período de 1885 a 1925. Nele, encontram-se o título e a data de publicação de três poemas de Lobo: “A prematura morte do meu inocente Mario”, publicado em 1885; “Iman”, publicado em 1886; “À Memória da Ilustre Escritora (Revocata de Figueirôa e Mello)”⁶, publicado em 1887. Neves (1989) reitera que Lobo frequentemente publicava seus textos no *Corimbo*.

Ainda sobre esse periódico, no estudo realizado por Francisco das Neves Alves, Mauro Nicola Póvoas e Luciana Coutinho Gepiak (2016), o nome de Lobo aparece, brevemente, ao comentarem sobre as contribuições de autoria feminina no jornal, vindas das mais diversas regiões do Estado e do resto do País, mencionando nomes como os de Andradina de Oliveira, Júlia Lopes de Almeida, Cecília Meireles, Cora Coralina e Inês Sabino, além de Tercília Nunes Lobo. Ao falarem da atividade de Revocata Heloísa de Mello no periódico, ressaltam uma seção intitulada “Expediente”, na qual a proprietária “não só refletia sobre as formas de realizar jornalismo de então, como realizava uma espécie de crítica, ao analisar periódicos e livros recebidos [...]” (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 31). No “Expediente” da edição nº 6, publicada em novembro de 1885, constam as seguintes considerações da editora sobre a arte de Lobo: “Pela primeira vez embeleza hoje a nossa *Revista* um inspirado soneto da lavra da inteligente e merencória poetisa Exma. Sra. D. Tercilia N. Lobo. Agradecemos o mimo que nos dispensou.” (MELLO, 1885, p. 3). Julgando pela data que a edição foi publicada e relacionando-a com o ensaio feito por Vieira (1997), o poema a que Mello se refere é “A prematura morte do meu inocente Mario”.

Lobo também publicou no *Almanaque Popular Brasileiro*⁷ (1894-1908), de Pelotas. Na edição publicada em 1896, aparece um soneto de sua autoria intitulado “Saudade”, acompanhado do subtítulo “No passamento de meu filho Mario”. Nele, o eu lírico apresenta diversos elementos da natureza, como plantas e animais. No último quarteto, fala, melancolicamente, que divisa a imagem de seu filhinho em tudo que existe no mundo; isto é, observa sua essência em todos os diversos aspectos da vida natural, como nas pétalas de rosa que se abrem ou na borboleta que esvoaça. É possível verificar similaridades entre o subtítulo de “Saudade” e seu conteúdo, com o título de “A prematura morte do meu inocente Mario”. Aparentemente, ambos discorrem acerca das circunstâncias em que Mario se encontra, e o que esse sujeito representa para o eu lírico. Neves (1989) informa que “Saudade” é dedicado ao filho da autora, que havia falecido.

Além de contribuir nos periódicos sul-rio-grandenses, a autora também colaborou no *Crepusculo*⁸ (1887-1889), de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, município de Santa Catarina. Na edição de 8 de julho de 1889, há um soneto intitulado “Viver longe de ti”, no qual o eu lírico expressa, novamente, por meio de versos decassílabos, a saudade que sentirá quando seu ente querido partir, afirmando, na última estrofe, que mesmo que esse sujeito não acredite em seu discurso sentimental, a leve brisa se encarregará de levar o eco de seu último gemido até ele. Além disso, ao lado do local

⁶ Revocata Heloísa de Mello, editora do *Corimbo*, é filha de Revocata de Figueirôa e Mello, que também era escritora.

⁷ Pode estar referido como *Almanach Popular Brasileiro*.

⁸ Em algumas edições, consta como *O Crepusculo: Organ Litterario e Noticioso*, enquanto em outras, aparece como *Crepusculo: Gazeta Litteraria*.

de envio do poema, Rio Grande, consta uma data: junho de 1883, podendo-se concluir que o poema foi escrito muito antes de ser publicado na edição em questão. Também, nessa mesma tiragem, há um pequeno texto, provavelmente, de autoria de Sabbas Costa, editor do jornal, intitulado “Tercília Nunes”, que comenta o soneto enviado por ela ao periódico: “D’essa primorosíssima e talentosa poetisa transcrevemos um esplendido soneto o qual verá o leitor na secção - Perolas de Ophir. Essa puríssima joia é do mais fino quilate.” (CREPÚSCULO, 1889, p. 4). Por fim, destaca-se que o *Crepúsculo*, apesar de catarinense, acolhia, frequentemente, a contribuição literária de escritores gaúchos, sendo possível observar diversos nomes da literatura sul-rio-grandense, como, por exemplo, Revocata de Mello, Cândida Fortes, Cândida Abreu, Júlia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Damasceno Vieira.

No estudo em questão, dar-se-á preferência à análise dos poemas publicados por Lobo no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932): “Dor oculta” (1889) e “A coruja” (1890). Editado em Portugal, o periódico, ao longo desse período, possuiu três denominações distintas: *Almanaque de Lembranças* (1851-1854), *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1855-1871) e *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1872-1932)⁹. Abordava poesia, prosa, e outros tipos de escritos, possuindo caráter literário. Não tinha um público-alvo específico, aceitando a contribuição de seus leitores, relativa à produção literária, sem fazer distinção quanto ao gênero da autoria, aspecto atípico para a época. Assim, destaca-se que ele

se destinava ao grande público, não se restringindo apenas ao público masculino, apesar de surgir num século em que os papéis sociais femininos ligavam de modo estreito a mulher a um espaço doméstico e a instrução feminina era vista em função desse espaço. Pode dizer-se que, até ao século XIX, poucas foram as mulheres que partiram de sua condição excepcional de alfabetizadas para se entregarem à escrita. (ROMARIZ, 2011, p. 14).

Portanto, abria espaço às mulheres, que poderiam publicar seus escritos. Esse aspecto é relevante, devido à exclusão feminina no âmbito literário, nesse período, de maneira que as escritoras talvez não tivessem outra oportunidade de expor sua arte sem se preocupar com as rígidas considerações feitas, por parte da crítica literária.

Vale ressaltar que Lobo possuía forte conexão com Portugal, visto que publicou no *Almanaque*, que era editado nesse país, e no *Eco Lusitano*, que era relacionado à cultura portuguesa, além de escrever poemas que cantam a glória desse povo.

Em “Dor oculta”, utilizando forma fixa de soneto, com versos decassílabos, é apresentada a dificuldade de manter uma aparência de felicidade, de modo que é necessário mascarar os verdadeiros sentimentos. Para tanto, carrega-se um semblante ilusório, a fim de parecer alegre, que não condiz com as emoções genuínas. Assim, o eu poético discorre acerca da falta de vontade de viver:

Quantas vezes um pálido sorriso
Paíra nos lábios meus!... E no entanto
Sorrio para ocultar o amargo pranto,
Filho deste martírio em que agonizo!...

⁹ Neste artigo, ao mencionar o *Almanaque*, deu-se preferência ao título *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, pois é o nome mais atribuído, nos estudos referentes ao periódico, ao citá-lo.

Ah! quem me vê sorrir diz que eu diviso
Um futuro pra mim cheio d'encanto!...
É que não podem suspeitar o quanto
É íngreme a estrada em que deslizo!...

Como é custoso afivelar no rosto
A masc'ra do prazer, quando o desgosto
Faz vergar a minh'alma enlanguescida!...

Quem assim como eu padece tanto
Pode acaso no mundo achar encanto
E ter anseio de uma longa vida?...¹⁰ (LOBO, 1889, p. 168).

O eu lírico inicia o poema revelando que traz consigo um sorriso pálido, o qual utiliza para suprimir sua lástima, cujo sofrimento o faz agonizar. Posteriormente, enuncia que, ao ser visto sorrindo falsamente, passa a ideia, para quem o vê, de ter um futuro resplandecente. Porém, na verdade, esse riso apenas disfarça a metáfora utilizada por ele, posteriormente, para definir sua existência: o deslize em uma estrada íngreme. Em seguida, utiliza-se de outra metáfora para explicar sua infelicidade: a máscara do prazer, a qual, para ele, é custosa de afivelar, ou seja, difícil de manter, devido à sua condição soturna. Finalmente, expressa a falta de vontade de viver, dada a realidade desafortunada que presencia. Também, questiona o anseio de uma longevidade, quando se vive de tal maneira.

O soneto apresenta similaridades com “Mal secreto”, inserido na obra *Sinfonias* (1883), de Raimundo Correia (1859-1911), um dos maiores expoentes do movimento parnasiano no Brasil. Segundo Alfredo Bosi (2004, p. 223), “menos fecundo e mais sensível, Raimundo Correia esbateu os tons demasiado claros do Parnasianismo e deu exemplo de uma poesia de sombras e luares que inflectia amiúde em meditações desenganadas.” Em “Mal secreto”, é explorado que a alma, ao expressar os sentimentos, pode, frequentemente, enganar a todos:

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa! (CORREIA, 1976, p. 25).

¹⁰ A ortografia do poema foi atualizada.

Com versos decassílabos e rimas ricas, discorre-se sobre as falsas aparências, utilizadas pelos sujeitos como um tipo de fachada, para que a verdadeira natureza do seu temperamento seja disfarçada.

“Dor oculta” e “Mal secreto” possuem a mesma temática, salientando o embate entre essência e aparência. É possível evidenciar esse aspecto partindo de ambos os títulos. No poema de Lobo, a dor é ocultada pelas aparências. Já no poema de Correia, o mal — a verdadeira essência do indivíduo, frequentemente, representada pelo sofrimento — é secreto, ou seja, escondido, exteriormente, por fachadas. Também, ambos comparam o semblante, que cada ser carrega, com uma máscara. Tal objeto é responsável por disfarçar, de maneira positiva, o que cada um está sentindo, impedindo a demonstração das fraquezas da alma. Ademais, quanto à forma, os dois são rigorosos, visto que utilizam forma de soneto, versos de dez sílabas, rimas ricas.

Porém, há um aspecto destoante entre os poemas. O eu lírico, em “Dor oculta”, expressa mais a sua melancolia. Já em “Mal secreto”, há a carência de subjetividade, em comparação ao primeiro. Além disso, no poema de Lobo, o eu poético fala sobre suas próprias vivências — sofrimentos e fingimentos —, enquanto no segundo, apesar de se incluir, endereça o aspecto de mascarar a realidade a outros indivíduos, revelando um tom impessoal.

Com metrificacão rigorosa, em “A coruja”, o eu lírico conversa com o animal apresentado no título, referindo-se a ele como mensageira da morte:

Assim que a noite estende o negro manto,
Vem pousar sobre a minha laranjeira
Uma coruja horrenda e agoureira,
Para soltar o seu medonho canto.

Fui ver essa funesta mensageira
De tudo quanto há mau, martírio e pranto!
E disse-lhe: – Por ver-te não me espanto,
Se bem que ora te vejo a vez primeira.

Se vens trazer mortífero bafejo,
Esparge-o sobre mim, que a morte almejo,
Para findar o meu sofrer profundo!...

E dize à morte que, com mão segura,
Sobre mim descarregue a fouce dura...
Mas que poupe a quem amo neste mundo!...¹¹ (LOBO, 1890, p. 158).

Durante a noite, eu poético sofredor suplica à ave pelo fim de seu sofrimento, pedindo à morte que o sacrifique, mas que poupe os amados por ele.

Nos primeiros versos, apresenta-se a ambientacão sombria do poema — uma noite, que estendeu seu negro manto —, além da revelacão da principal figura do poema: a coruja, que aterriza emitindo seu distinto canto. No imaginário ocidental, esse animal possui diversas simbologias, repre-

¹¹ A ortografia do poema foi atualizada.

sentando tanto o bem quanto o mal. Como um pássaro noturno, está relacionada à noite, ao sono e à morte (HALL, 1974). Também pode estar ligada ao conhecimento, devido ao fato de ser o pássaro de Atena, deusa grega da sabedoria, e sua correspondente romana, Minerva (FERBER, 2007). Na cultura asteca, a coruja possui um significado totalmente contrastante com o da greco-romana. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1990, p. 246),

para os astecas, ela é o animal simbólico do deus dos infernos, juntamente à aranha. Em diversos códices, ela é representada como a guardiã da morada obscura da Terra. Associada às forças ctônicas, também é um avatar da noite, das chuvas, das tempestades. Esse simbolismo a associa um só tempo à morte e às forças do inconsciente luniterrestre, que comandam as águas, a vegetação e o crescimento em geral.¹² (tradução nossa).

Além disso, destaca-se o canto dessa ave, que está presente em diversas literaturas. De acordo com Ferber (2007, p. 147-148),

para os autores clássicos e modernos, o som emitido pela coruja soou “ominoso” ou repleto de agouro, e, especialmente, profético, em relação à morte. Conforme Dido se prepara para sua morte, ela parece ouvir a voz de seu falecido marido a invocando, e a coruja (*bubo*) cantando sua “canção fúnebre” [...]. Spenser lista um grupo de “pássaros fatais”, que inclui a “mal-encarada Owle [em inglês médio, owle significa coruja], terrível mensageira da morte” [...]; Spenser refere-se à coruja como “medonha” quatro vezes.¹³ (tradução nossa).

Em “Dor oculta”, a coruja é caracterizada como uma entidade negativa, julgando-se pelo vocabulário utilizado, como, por exemplo, horrenda e funesta. É ligada à personificação da morte, atuando como sua mensageira, além de representar um mau presságio. Também, seu canto como é descrito como medonho.

Conforme o poema prossegue, o eu lírico afirma que vai ao encontro do animal, afirmando não estar espantado em vê-lo. Para ele, a ave é um presságio do falecimento, destino que lhe é necessário para acabar com seu sofrimento. Por fim, pede que ela avise à morte personificada para que lhe descarregue a foice dura, extinguindo sua essência, mas poupando seus entes queridos, aspecto que justifica sua falta de medo ao ver o animal agourento: o eu poético tinha intenções sacrificiais.

É possível observar semelhanças com o “O corvo” (1845), de Edgar Allan Poe (1809-1849), um dos principais nomes da literatura norte-americana. Segundo D’Onofrio (1997, p. 343), considerado

[...] um dos poetas “malditos” da literatura universal, Poe explorou as anomalias da

¹² Chez le Aztèques, elle est l’animal symbolique du dieu des enfers, avec l’araignée. Dans plusieurs Codex, elle est représentée comme *la gardienne de la maison obscure de la terre*. Associée aux forces chtoniennes, elle est aussi un avatar de la nuit, de la pluie, des tempêtes. Ce symbolisme l’associe à la fois à la mort et aux forces de l’inconscient luni-terrestre qui commandent les eaux, la végétation et la croissance en général.

¹³ To ancient and modern authors alike the owl’s cry has sounded “ominous” or omen-filled, and especially prophetic of death. As Dido prepares to die, she seems to hear her dead husband’s voice summoning her, and the owl (*bubo*) sings its “funereal song” [...]. Spenser lists a group of “fatal birds” that includes the “ill-faste [ill-faced] Owle, deaths dreadfull messengere” [...]; four times Spenser calls the owl “ghastly.”

natureza humana. [...] O refúgio no mundo do sonho e da imaginação, que leva Poe à descrição do insólito e do surpreendente, é uma constante de sua poética. Mas o irreal é expresso com tanta lucidez e coerência interna, que nos dá a impressão de realidade.

Após a publicação desse poema, Poe ficou popular no meio literário, juntando-se à equipe do *Broadway Journal*, o qual adquiriu parte do direito de propriedade, nesse mesmo ano (KENNEDY, 2006). Em “O corvo”, uma ave sombria é responsável por suscitar sentimentos em um sujeito. Utilizando diversas referências clássicas, religiosas e mitológicas, o poema explora tanto as tendências românticas quanto neoclássicas. Segundo Benjamin F. Fisher (2008, p. 34),

a tendência dos pensamentos neoclássicos, que havia sido forte durante o século anterior [XVIII], continuou influenciando demasiadamente o meio literário estadunidense, apesar de que uma perspectiva oposta, o Romantismo, havia dominado a cultura ocidental, na virada do século XVIII para o XIX. Os escritos de Poe são influenciados pelas duas estéticas.¹⁴ (tradução nossa).

Na cultura do Ocidente, a figura do corvo pode representar múltiplos significados. De acordo com Ferber (2007), a ave é retratada, frequentemente, de maneira negativa, apesar de possuir algumas conotações positivas. Conforme Hall (1974), a história de um corvo que traz comida, normalmente, uma fatia de pão, é muito difundida. Ferber (2007, p. 168) assevera que,

na literatura latina, pensava-se que o corvo (em latim, *corvus* ou *cornix*) previa tempestades [...], e, em ambas as culturas grega e romana, essas aves, entre muitas outras, eram usadas em presságios ou profecias feitas por pássaros. Combinando esse aspecto com seu hábito de comer corpos em decomposição, disseminou-se uma visão de que o corvo é um pássaro de mau agouro, normalmente, que prevê a morte.¹⁵ (tradução nossa).

É possível ler “O corvo” e obter múltiplas interpretações, como se a ave fosse uma entidade demoníaca ou, até mesmo, que ela nem existisse, e tudo estaria se passando na cabeça do eu lírico. Uma das perspectivas mais comuns é a que está ligada à cultura popular, que apresenta o animal de maneira negativa. Fisher (2008, p. 43) reitera que “‘O corvo’ tem sido frequentemente apresentado como um poema totalmente sobrenatural, devido ao folclore que liga o animal ao demônio, oferecendo uma abordagem convincente ao poema.”¹⁶ (tradução nossa).

Portanto, é possível constatar similaridades nos poemas de Lobo e Poe, inicialmente, pelos títulos: “A coruja” e “O corvo”. São apresentados animais que possuem conotações negativas e natureza profética, cujas atribuições foram enraizadas pela cultura popular, de maneira que as duas aves

¹⁴ An emphatic strain of Neoclassical thought, which had been strong during the previous century, continued to influence much American literary endeavor, though a countering outlook resulted from the Romanticism that swept western culture as the eighteenth turned into the nineteenth century. Poe’s writings emanate from both sources.

¹⁵ In Latin literature the raven (*corvus*) or crow (*cornix*) was thought to foretell a rainstorm [...] and in both Greek and Roman culture these birds, among many others, were used in augury or bird-prophecy generally. Combined with its habit of eating corpses, this association led to the widespread view that the raven (in particular) is a bird of ill omen, usually foretelling death.

¹⁶ “The Raven” has often been construed as a wholly supernatural poem, which, because of folklore that links ravens to the devil, offers one convincing approach to the poem.

estão ligadas à morte e ao mau agouro. A coruja é mensageira da morte personificada, enquanto o corvo intensifica os pensamentos fúnebres do eu lírico em relação à falecida Lenore. Além disso, os dois poemas apresentam a vontade de morrer, fundamentada em um tom sacrificial, constatando-se um sentimentalismo exacerbado. O eu lírico de “A coruja” prefere que a morte abrevie sua finitude, antes de fazer algo às pessoas queridas por ele. Já o de “O corvo” questiona o animal quando ele se encontrará com sua amada num mundo superior. Ademais, ambos trazem aspectos clássicos de maneiras distintas: Lobo apresenta o rigor formal, por meio do soneto e de versos decassílabos — aspectos de cunho parnasiano, obtidos do Classicismo —; e Poe utiliza diversas alusões à cultura clássica, — por meio de figuras advindas do Neoclassicismo, também herdadas do movimento clássico —, como, por exemplo, o busto de Palas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, por meio do estudo dos escritos de Tercília Nunes Lobo, focalizando os publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, verificou-se a natureza de sua arte poética: sendo amplamente influenciada pelos movimentos romântico e parnasiano, que vigoravam no Rio Grande do Sul, no período da produção de sua poesia, seus versos rigorosamente formais fundamentam-se em um lirismo deveras pessimista e sombrio, sendo canalizados em forma rigorosa de soneto clássico. Vale ressaltar que o estilo de Lobo pode ser dessa maneira devido ao atraso, relativo à aderência dos movimentos estéticos, presente na literatura sul-riograndense, em relação ao resto do Brasil, no século XIX; e, também, em consequência da pouca adesão do movimento parnasiano em terras sulinas. Portanto, é possível que ela tenha herdado a temática melancólica dos românticos, assemelhando-se a Edgar Allan Poe, e o rigor formal dos parnasianos, produzindo arte análoga a de Raimundo Correia, de maneira que sua técnica mesclou ambas nuances. Também, é interessante frisar que sua poesia não aborda a temática regional, ao contrário do que vinha sendo produzido por muitos gaúchos, dando preferência a aspectos universais.

Também, verificou-se a necessidade de dar luz à poesia dessa exímia escritora, que, mesmo produzindo versos que demandam grande conhecimento da técnica poética, contribuindo em almanaques internacionais, e apresentando demasiado conhecimento da cultura e História de Portugal, foi esquecida pela história literária de seu Estado, País e do além-mar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa da Colônia Portuguesa no sul do Brasil: fragmentos identitários*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/27145>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

_____. A imprensa rio-grandina do século XIX no acervo da Biblioteca Rio-Grandense. *Biblos*, Rio Grande, v. 19, p. 95-107, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/257>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

ALVES, Francisco das Neves; PÓVOAS, Mauro Nicola; GEPIAK, Luciana Coutinho. *Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de Revocata Heloísa de Melo*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/28634>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

CADEMARTORI, Lígia. *Períodos literários*. São Paulo: Ática, 1997.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris: Robert Laffont, 1990.

CORREIA, Raimundo; IVO, Ledo. *Raimundo Correia: poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

CREPUSCULO: Gazeta Litteraria. Nossa Senhora do Desterro, 8 de julho de 1889. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/crepusculo%20desterro/OCRE1889028.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

CREPUSCULO: Orgam Litterario e Noticioso. Nossa Senhora do Desterro, 17 de setembro de 1888. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/crepusculo%20desterro/OCRE1888022.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FERBER, Michael. *A dictionary of literary symbols*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FISHER, Benjamin F. *The Cambridge introduction to Edgar Allan Poe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FREITAS, Maria Nadir de. A poesia. In: HESSEL, L. F. et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: FLAMA; Instituto Estadual do Livro, 1976.

HABIB, M. A. R. *A history of literary criticism: from Plato to present*. Oxford: Blackwell, 2005.

HALL, James. *Dictionary of subjects and symbols in art*. Nova York: Harper & Row, 1974.

HESSEL, L. F. et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: FLAMA; Instituto Estadual do Livro, 1976.

KENNEDY, J. Gerald. *The portable Edgar Allan Poe*. London: Penguin, 2006.

LIMA, Hilton Ribeiro da Costa. Fragmentos sobre a imprensa rio-grandense no século XIX: O *Guatiba*, a *Arcádia* e o *Partenon Literário*. In: ALVES, Francisco das Neves; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Orgs.). *História & literatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

LOBO, Tercília Nunes. A coruja. In: CHAVES, Vania (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lem-*

branças Luso-Brasileiro. Porto Alegre: Gradiva, 2014. CD-ROM. p. 158.

_____. Dor oculta. In: CHAVES, Vania (Org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. CD-ROM. p. 168.

_____. Saudade. In: Echenique & Irmão. (Ed.). *Almanach Popular Brasileiro*. Pelotas: Livraria Universal, 1896. p. 184.

_____. Viver longe de ti. In: *Crepusculo*: Gazeta Litteraria. Nossa Senhora do Desterro, 8 de julho de 1889. p. 3. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/crepusculo%20desterro/OCRE1889028.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

MELLO, Revocata Heloísa de. Expediente. *Corymbo*, Rio Grande, nov. 1885. n° 6. p. 3.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Edição do autor, 1989. v. 3.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Ibrantina Cardona. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres, 2004. v. 2.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um Projecto maior?* 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos Românicos, Departamento de Estudos Românicos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/5145>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SANTOS, Terezinha de Jesus Vargas dos. Regionalismo versus nacionalismo: Literatura e história no Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (Orgs.). *História e literatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. 2. ed. Lisboa: Verbo, 1982. v. 5.

SILVA, João Pinto da. *Historia literaria do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924.

TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Thurmman, 1958, v. 4.

VIEIRA, Miriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corimbo, 1885-1925*. 1997. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/40_vieira_miriam_stfen_termo.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. Síntese histórica e índice geral da revista do Partenon Literário. In: HESSEL, L. F. et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: FLAMA; Instituto Estadual do Livro, 1976. ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Guilherme Barp

Gaduating in Letters - English (Licenciatura) at the Universidade de Caxias do Sul (UCS). Acts as a research fellow in the project "Reading under the sign of the genre: reception of literary text and regionalism", coordinated by Prof.^a Dr.^a Cecil Jeanine Albert Zinani. Available at: <<http://lattes.cnpq.br/5605535542278326>>. Contact: gbarp@ucs.br

Cecil Jeanine Albert Zinani

PhD in Letters: Comparative Literature from the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Holds a postdoctoral fellowship in Letters: History of Literature from the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Currently is an Assistant Professor at the Universidade de Caxias do Sul. Coordinates the research project titled "Reading under the sign of the genre: reception of literary text and regionalism" (LEITORA1). Available at: <<http://lattes.cnpq.br/5031600091227253>>. Contact: cezinani@terra.com.br

Enviado em 10/08/2019.

Aceito em 30/09/2019.